

# ALYA



*Confederação Nacional dos  
Caçadores Portugueses*

**Os desafios de  
gerir uma zona de  
caça turística**

**Mário Antunes fala das  
mudanças alcançadas em  
26 anos de FCCPDV**

**Albufeira recebe 25.ª Feira de  
Caça, Pesca, Turismo e Natureza**

**Castelão Rodrigues reflete  
acerca da importância da caça para  
a gestão equilibrada dos recursos**



## ESTAS SÃO AS FEDERAÇÕES FILIADAS NA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS CAÇADORES PORTUGUESES



Federação de Caçadores de Entre Douro e Minho  
Presidente: Amâncio Afonso Mendes  
Praça da Justiça, 166  
4715-125 Braga  
comercial@amanciomendes.mail.pt | 253 2690 00



Federação das Associações de Caçadores da 1ª Região Cinegética  
Presidente: João Alves  
Apartado 144  
5340-342 Macedo de Cavaleiros  
facirc@gmail.com | 278 426 368



Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu  
Presidente: Mário Antunes  
R. Fernando Teixeira, Lote 1 – r/c – Esq.º - Abraveses  
3515-156 Viseu  
federacao.viseu@gmail.com | 232 452 021



Federação de Caça e Pesca da Beira Interior  
Presidente: André Cid  
Urbanização Quinta da Alampada, Lote 26 R/C Apartado 452  
620o - 250 Covilhã  
fcpbi@mail.telepac.pt | 275 315 402



Federação de Caça e Pesca da Beira Litoral  
Presidente: Carlos Rodrigues  
Rua da Sofia, 136 Edifício da Liga dos Combatentes  
3000-389 Coimbra  
fcpbeiralitoral@gmail.com | 916 298 503



FEDERCAÇA - Federação de Caçadores do Centro  
Presidente: Avelino Ribeiro  
Rua Principal, n.º 14 - Ranha de Baixo  
3100-362 Pombal  
federcaça@sapo.pt | 236 946 216



Federação das Zonas de Caça do Oeste - OESTECAÇA  
Presidente: Joaquim António Faustino  
Urbanização da Infesta, Rua das Acácias, Ed. OESTECAÇA  
2560-375 Torres Vedras  
fzcoeste@gmail.com | 918918369



Federação Alentejana de Caçadores  
Presidente: José Lopes Bernardino  
Rua D. Afonso Henriques, n.º 31  
7800 – 049 Beja  
info@fac.pt | 284323304



Federação de Caçadores do Algarve  
Presidente: Vítor Palmilha  
Praceta das Bernardas, N.º 4  
8800 – 685 Tavira  
geral@fcalgarve.pt | 281 326 469 / 912 250 057



## 04 EDITORIAL

## 06 OPINIÃO

Castelão Rodrigues aborda a importância da caça para a gestão equilibrada dos recursos

## 08 REPORTAGEM

Nesta reportagem, a revista ALVA faz uma viagem à descoberta do turismo cinegético

## 15 ENTREVISTA

Mário Antunes conta como tem sido o percurso da Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu, entidade que preside desde 1999

## 20 CINOTÉCNICA

O passo a passo do treino de cães de parar, por Jorge Piçarra, treinador de cães

## 22 ROTEIROS

Conheça Vila do Bispo, um concelho que tem nos caçadores importantes aliados na preservação da fauna e da flora locais

## 26 PASSOS POSITIVOS

Associação Terras do Infante assina contratos-programa com sete associações e clubes de caça

## 28 NOS PRÓXIMOS TEMPOS

Antevisão da 25.ª edição da Feira de Caça, Pesca, Turismo e Natureza, que se realiza em Albufeira

## 32 NOUTROS TEMPOS

Retirámos do baú um exemplar de uma licença de caça, emitida em 1913

## 34 COM MUITO SABOR

Desta vez, propomos uma deliciosa receita de cataplana de javali

A revista ALVA é propriedade da CNCP - Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses.

### EQUIPA ALVA

Direção-geral: Vítor Palmilha | Produção: Malha - Comunicação | Direção de conteúdos: Paulo Dias | Edição e redação: Lélia Madeira | Colaboração: Eduardo Valente, Leonor Rodrigues | Design e paginação: Bárbara Martins | Direção comercial: João Silva

### CONTACTOS

alvarevista@malha.pt | 968 339 215 | 966 945 504 | 961 891 140

Fotos cedidas por: Município de Vila do Bispo, Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu, Hunting Portugal, Herdade da Bombeira, Moinho do Monte Novo, Céu Vitorino



## VÍTOR PALMILHA

Presidente da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses

A caça é um importante motor na economia rural e nacional. O trabalho de conservação e gestão cinegética dos caçadores tem um valor económico incalculável. O setor tem um papel extremamente importante em termos socioeconómicos nas regiões mais desertificadas e contribui para o fomento e conservação das espécies cinegéticas e da fauna selvagem em geral. São factos irrefutáveis que importa nunca deixar de referir, pois muitos, ao desconhecerem esta realidade, maltratam o setor e os seus protagonistas que somos todos nós.

A Revista ALVA é mais um passo no sentido de afirmarmos e promovermos o setor e aqueles que nele trabalham. Por isso mesmo, nesta terceira edição, abordamos a temática do turismo cinegético e vamos ao encontro de alguns dos seus promotores. É um nicho de mercado fundamental para vários territórios nacionais que merece ser devidamente promovido, assim como aqueles que arriscam e investem no setor.

Também neste número, damos destaque à 25.ª Feira de Caça, Pesca, Turismo e Natureza, que acontece este mês em Albufeira, organizada pela Federação de Caçadores do Algarve em parceria com a Câmara Municipal de Albufeira e a Marina de

Albufeira. O evento representa um bom exemplo do esforço coletivo de entidades públicas e privadas, ao serviço da promoção do setor. É um espaço de economia e de cultura, é um espaço de encontro, onde muitas das entidades ligadas à caça aqui se reúnem para refletir e debater, e é cada vez mais, um espaço de promoção turística que reúne muitos agentes que investem em territórios e atividades ligadas a este universo.

***Este ano, celebramos a 25.ª edição, com novos desafios, uma vez que iremos ocupar um espaço renovado, sensivelmente no mesmo local, mas com melhores condições de acesso e permanência. Mantemos muito do alinhamento que habitualmente preenche os três dias de feira com as mostras, a gastronomia, o artesanato, os produtos locais, os concursos, as atividades lúdicas, os espetáculos musicais e as exposições.***

Refletimos também sobre a questão das alterações climáticas no contexto da gestão cinegética, num colóquio que será realizado no Auditório Municipal de Albufeira. Estendemos ainda o evento a outras paragens, nomeadamente à Zona de Caça Municipal de Albufeira, distintamente gerida pela Associação de Caçadores e Pescadores de Albufeira que acolherá a final do Campeonato

Regional de Sto. Huberto bem como a Prova de Competência de Tiro aos Pratos “Cidade de Albufeira”. Um evento que merece a sua visita!

Nesta edição, destacamos ainda uma das nossas federações associadas, no caso, a Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu, superiormente dirigida pelo nosso amigo Mário Antunes.

Como nota final, deixo um alerta importante. Estamos em pleno verão e é sabido que a época que atravessamos e a escassez de recursos naturais, tem criado dificuldades acrescidas a todo o setor. É fundamental sublinharmos o papel do caçador no ordenamento e vigilância do território rural e o que isso significa, por exemplo, na prevenção de fogos. Reivindicar junto das entidades oficiais a necessidade de serem considerados apoios suplementares para o ordenamento e gestão das zonas de caça, é uma prioridade que temos vindo a prosseguir, esperemos que com resultados práticos no muito curto prazo.

Às minhas amigas e amigos, desejo boas leituras e reitero total disponibilidade em colocar a nossa Revista ao seu inteiro dispor, pois este é um espaço que pretende ser de todos.





## Joaquim Castelão Rodrigues

Diretor da Direção Regional da Conservação da Natureza e das Florestas do Algarve

A caça, além de ter sido uma necessidade da vida nómada a par da recoleta de frutos é, provavelmente, a mais antiga atividade humana. Como caçador o *Homo Sapiens* começou por utilizar o arco e a flecha, o varapau, a armadilha artesanal, as redes e a ajuda de animais como os cavalos ou falcões.

Com a revolução industrial a “espingarda caçadeira” popularizou-se e criou grupos de caçadores que no entanto, observando o voo das aves, descobrindo as tocas dos animais, coabitando com o ciclo da Natureza, estudando os seus hábitos, o Homem concluiu que a Natureza não é inesgotável e que era preciso manter o equilíbrio na natureza protegendo certas espécies e os animais indefesos, servindo-se da Natureza mas protegendo-a.

Por isso, se ser caçador era ser privilegiado e nobre, não era qualquer um que tinha posses para os instrumentos da caça, o caçador não perdeu estatuto face à “democratização” da espingarda e por isso não é caçador quem quer.

Para ser caçador é preciso ter qualidades físicas, atributos intelectuais e predicados morais. O caçador no verdadeiro sentido do termo, procura ser um sabedor das coisas da Natureza, da fauna e da flora, dos montes e vales, da chuva e do bom tempo.

O caçador, para além de ser um profundo conhecedor das espécies cinegéticas não desconhece as outras espécies e mais do que isso ele deve conhecer os outros caçadores. Se para os habitantes do mundo rural a caça foi «um vou ali já volto» que acabava na agradável surpresa de uma presa a cintura, para o homem urbano a caça é uma aventura e um retorno às origens.

Para alguns, a caça é a única oportunidade para o contacto com o campo, para poderem contemplar montes e vales, o piar dos pássaros, os valores naturais da flora e da fauna, por vezes sem ter tempo para contemplar a Lua e fruir o silêncio, numa noite de espera num palanque, sofrer o Sol de verão na procura de uma peça de caça e sentir um mundo sem pressas. Um

dia de caça representa um percurso humano e social inigualável.

A caça sintetiza os mais nobres sentimentos de entreaajuda, solidariedade, companheirismo e fraternidade. A caça é a pureza da camaradagem, que começa no pequeno-almoço e onde no final da caçada as peças abatidas vão para o “monte” e posteriormente distribuídas igualmente por todos os que participaram na caçada, mesmo que se tenha apanhado um “chibato”, quase uma humilhação que precisa ser ultrapassada o quanto antes.

Porém, o que se tem verificado é que certos setores da sociedade (na sua grande maioria urbanos) por deficiente esclarecimento da opinião pública têm assumido posições anti-caça considerando-a bárbara e querendo impor regras inqualificáveis do ponto de vista da caça. Há que desmistificar, as Organizações de Caçadores praticando uma gestão cinegética caracterizada pelo amadorismo e boa vontade obrigando-se a um esforço com ações de

divulgação e sensibilização no seio dos seus associados sobre o código de conduta durante o ato de caça, com total respeito pelas espécies abatidas, e pelo equilíbrio entre elas levando-os a afirmar «eu sou caçador, não sou matador».

É neste contexto que, sendo a caça um património do Estado não tendo proprietário, mas exercida em terreno privado, o ordenamento da caça veio permite uma gestão equilibrada dos recursos.

No Algarve, nos últimos 20 anos (2003/2023), em termos de ordenamento, passamos de 231.000 ha (46%) para os 382.099 ha (76%) do território, totalizando 193 Zonas de Caça Associativa com 196.939 ha, 37 Zonas de Caça Municipais com 143.123 ha e 27 Zonas de Caça Turística 37.382 ha.

No entanto, é altura de se fazer uma reflexão sobre estes modelos de gestão cinegética tendo em atenção, a redução do número de caçadores (no Algarve passou-se de 13202 caçadores de 2020/2021, para 12937 caçadores de 2021/2022) onde são emitidas 51/53% de licenças de caça (6762 em 2020/2021, e 6916 em 2021/2022) em

relação ao número de caçadores, as enfermidades das espécies cinegéticas, as alterações climáticas, a proteção dos Valores Naturais e a defesa das espécies, a desinformação e a necessidade de revisão da legislação vigente que é uma matéria delicada, dada a diversidade e complexidade dos interesses envolvidos.

***Neste contexto, uma estrutura associativa forte, colaborativa e participativa em ações de investigação/experimentação, na procura de soluções para a colocação de peças de caça no circuito HORECA, reforçando que a caça continua a ter forte importância gastronómica, não deixando, sobretudo, de ser um desporto e um negócio que traz benefícios consideráveis para as zonas de baixa densidade e ao país, pese embora sejam cada vez menos os defensores do Mundo Rural a assumirem a caça como um importante ativo e capital para a valorização territorial em contrapartida com uma maioria urbana utilizadores de redes sociais mediatizadas criando correntes dominantes em termos de opinião pública da não caça.***

A estrutura associativa tem a obrigação de bem coordenar e manter o interesse no ato venatório através de uma maior divulgação da atividade junto de todos os setores da sociedade, com especial atenção para as camadas jovens para uma renovação geracional.

Tem tido um conjunto de apoios do governo e das autarquias que contribuem para atrair as camadas jovens como sejam, nas ações preventivas e primeira intervenção no combate aos incêndios rurais, na implementação de ações que contribuem para a proteção, equilíbrio e desenvolvimento das espécies cinegéticas e não cinegéticas, e dos valores naturais, na manutenção da biodiversidade e na recuperação de espécies em vias de extinção, caso do Lince Ibérico, entre outras.

Com a edição desta revista não tenho dúvidas de que a Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses está a dar um passo importante na divulgação e informação, na defesa dos Caçadores e da Caça, junto da sociedade.

## Os principais desafios de gerir uma zona de caça turística

Numa altura em que circulam por Portugal milhares de turistas, nacionais e estrangeiros, atraídos sobretudo pelo sol e praia, a revista ALVA decidiu fazer uma viagem diferente e partir à descoberta do turismo cinegético.

No nosso país, segundo dados disponibilizados no website do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, existem aproximadamente 800 zonas de caça turísticas (ZCT).

A maioria destas zonas estão situadas em territórios de baixa densidade.

Esta circunstância implica, desde logo, um conjunto de desafios, conforme descreve à revista ALVA Tânia Pereira, gestora de quatro empresas ligadas ao ramo, entre as quais o Moinho do Monte Novo, em Mértola.

“Atualmente, é no investimento que se encontra o desafio maior de todas as zonas de caça. A agricultura tradicional familiar está extinta, são poucos os proprietários que, na nossa zona, semeiam cereais ou hortícolas, estando os campos cada vez mais abandonados e é aqui que todos os gestores se deparam com enormes desafios e elevados custos, no que se refere à alimentação, abeberamento, desmatações, sementeiras e proteção contra fogos, por exemplo”.

A isto, acresce o problema das alterações climáticas e da falta de chuva, que acarretam “custos adicionais com

o abastecimento de pontos artificiais de água, bem como a alimentação com grão em pontos estratégicos, uma vez que as cearas pouco se desenvolvem. Para não falar nos elevados custos das sementes em 2022, que duplicaram basicamente o valor.

Com estas atividades, gasta-se muito dinheiro e também mão de obra, o que atualmente também vai ficando escassa”, refere.

Tânia lamenta, ainda, a falta de ajudas “comparativamente com a agricultura e com a pecuária, no que diz respeito, por exemplo, à concessão



de apoios para investimentos, sendo que, quando abrem medidas para o setor cinegético são completamente descabidas da realidade, ficando a maioria das zonas de caça inibidas de se candidatarem”.

Para João Portugal Ramos, sócio na Herdade do Pereiro, situada no interior da serra algarvia, os desafios também são imensos.

“Em primeiro lugar, exige muito trabalho e muita paixão pela natureza e pela caça. E, claro, estar bem rodeado de profissionais que trabalham arduamente para criar condições favoráveis ao habitat de perdizes e de coelhos, principalmente.

*Os grandes desafios, numa zona de serra, de minifúndio e altamente florestada de pinheiros, que como bem sabemos, não só não têm qualquer interesse como não é o habitat ideal da caça menor, exige uma constante preocupação de limpeza e desbaste dos mesmos.*

A falta de água é também um grave problema, assim como uma grande densidade de lincos que encontram aqui o habitat perfeito, com muita caça e muito pouca pressão humana.

Em resumo, temos a clara noção que, se não existisse a zona turística, os terrenos estavam ao abandono, sem espécies cinegéticas, em especial de caça menor, e onde a probabilidade de fogos era real.

Por alguma razão, Portugal tem tido enormes problemas com fogos um pouco por todo o país, e não me lembro de ter ocorrido um fogo na zona em questão”, sublinha João.

Também para Luís Fiuza, gestor de cinco ZCT no concelho de Mértola, esta atividade é bastante exigente, considerando que “os principais desafios são uma boa sanidade financeira e as relações com as leis”.



# Caçar e não só

Nas ZCT geridas por Luís, as criações de lebres, perdizes e coelhos são normalmente boas, por ser uma zona “onde a agricultura é extensiva, muito pobre, onde há pouca população e o clima é semi-desértico”.

Além da caça, os visitantes também dispõem de atividades de enoturismo com caminhadas, visitas à vinha, à adega, provas de vinho, entre outras.

Nas ZCT representadas por Tânia Pereira, também é possível fazer outras atividades além de caçar.

No Moinho do Monte Novo, por exemplo, os acompanhantes dos caçadores podem fazer passeios de carrinha, caminhadas, andar de bicicleta, fazer observação de aves e contactar com as atividades agropecuárias, bem como com animais, como as galinhas, os patos e os cães.

Existe, ainda, uma piscina para uns banhos de sol.

A propriedade está situada entre o Alentejo e o Algarve, pela qual passa a ribeira do Vascão, estando “rodeada por uma paisagem natural incrível”.

Por ali, é fácil assistir a voos de perdiz-vermelha. De realçar igualmente os campos com mosaicos de matos e morouços, alternados com pastagens, que facilitam a existência do coelho-bravo.

Também no território onde se localiza a Herdade do Pereiro predominam as perdizes e os coelhos. Além de boas condições para a caça, é também uma zona convidativa para passeios pedestres, durante os quais é possível observar várias aves, nomeadamente abetardas.





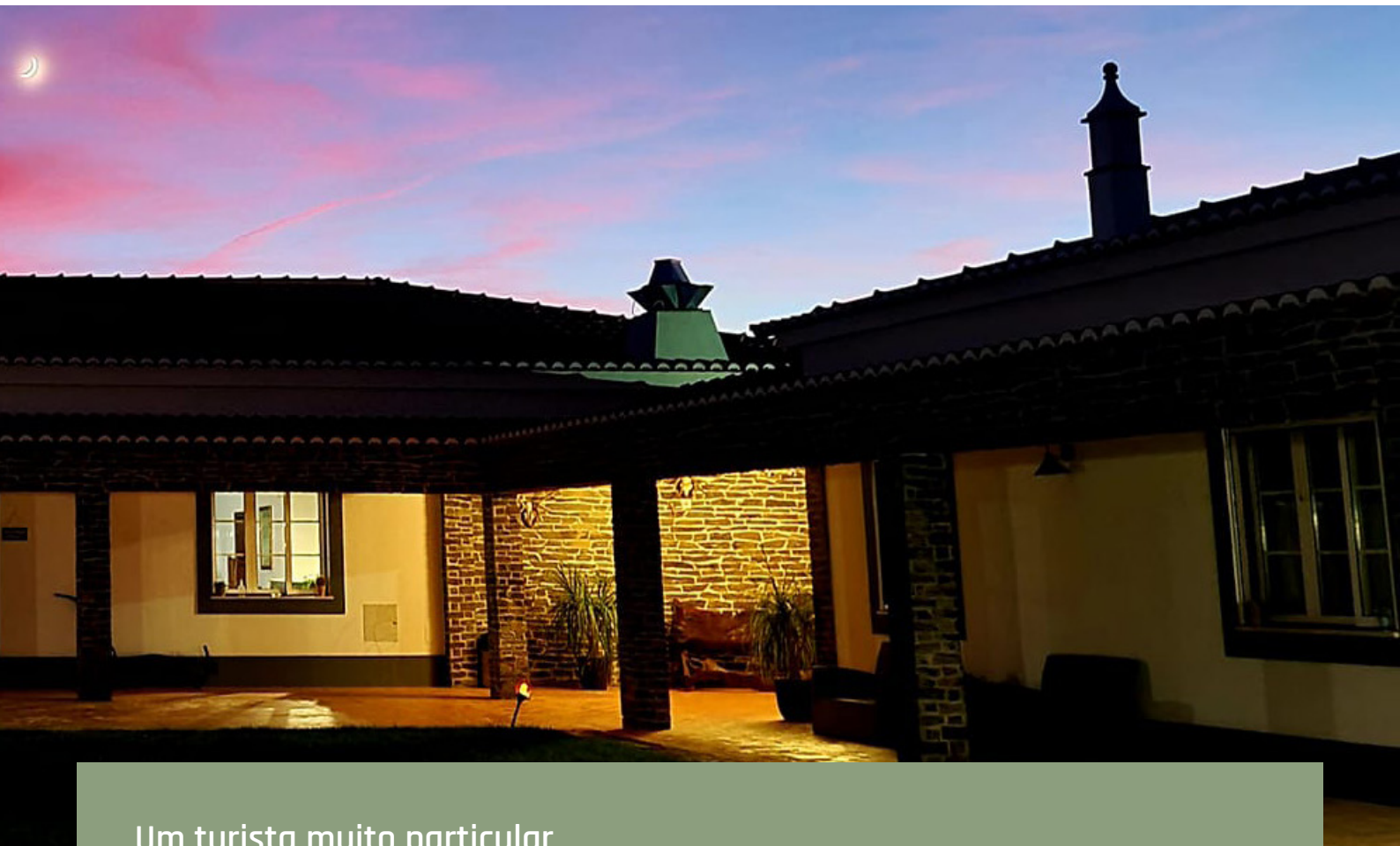
### Estará o turismo cinegético a receber a devida atenção?

A caça, de forma isolada, não é considerada como um produto no PENT — Plano Estratégico Nacional de Turismo. No entanto, aparece associada ao produto turismo de natureza. É já um ponto de partida, contudo, em matéria de promoção, há ainda um longo caminho a percorrer.

João Portugal Ramos considera que, “neste aspeto, ainda existe um enorme espaço para fazer crescer o turismo cinegético, apenas basta comparar com o que se faz nos nossos vizinhos espanhóis”.

Luís, por seu lado, entende que “o turismo cinegético tem sido um parente pobre no setor do turismo. Mal promovido pelas entidades, penso que porque é politicamente incorreto”.

Já Tânia enaltece o exemplo da Câmara Municipal de Mértola, que, a seu ver, “tem um papel fundamental na promoção do património cinegético local, desenvolvendo várias ações nesse sentido, tanto a nível nacional como fora do nosso país”.



## Um turista muito particular

O adepto do turismo cinegético é alguém que está motivado e induzido a caçar. Num trabalho publicado na Universidade de Girona, por Anna Dilmé Roca, é referido que, neste tipo específico de turismo, podem distinguir-se duas atitudes: o “turista caçador” e o “caçador turista”.

A autora explica que o “turista caçador” não tem a caça como principal motivo de viagem, mas sim como uma oportunidade de férias, de estadias de longa duração, em que permanece o fim de semana, em unidades de alojamento, e que quer passar algum tempo a praticar a caça recreativa.

Quanto ao “caçador turista” tem a caça como principal motivo de viagem. Sai de casa para caçar, sozinho ou acompanhado pela família e/ou amigos, deixando outras atividades para segundo plano.

Seja de uma maneira ou de outra, há cada vez mais interessados neste género de turismo e o tipo de publicidade que impera é o passa-a-palavra.

A Herdade do Pereiro é visitada por “pessoas de todas as nacionalidades, com muitos portugueses também, e sentimos cada vez mais procura por este fantástico ecossistema, onde o objetivo, antes de mais, é preservar o meio ambiente”, nota João Portugal Ramos.

Luís Fiuza indica que o seu “cliente é normalmente nacional e endinheirado” e com mais de 50 anos.

Na Herdade do Monte Novo, o perfil do turista varia consoante a espécie cinegética. “Na caça ao coelho, a faixa etária média talvez seja os 45 anos, são de nacionalidade portuguesa, residentes sobretudo entre o Algarve, o Alentejo e centro do país e das mais diversas profissões”, detalha Tânia. “Na caça às perdizes, os clientes situam-se numa faixa etária talvez acima dos 60 anos, maioritariamente portugueses, residentes no norte do país e empresários, por norma, dos mais diversos ramos”.



# MÉRTOLA

capital nacional da caça



**MÉRTOLA**  
CÂMARA MUNICIPAL

**“A área da federação era inicialmente o distrito de Viseu, mas o seu serviço e apoio foram sendo solicitados por associações fora do mesmo, estando a apoiar associados em mais de cinco distritos do país e mais de 200 associados.”**

*Mário Antunes*

Nesta entrevista, Mário Antunes conta como tem sido o percurso da Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu, entidade que preside desde 1999.

**A Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu (FCCPDV) foi constituída em 1987. Quão importante foi a criação deste organismo para a atividade cinegética e piscatória desta região?**

Foi um ponto de apoio fundamental para as associações responderem às solicitações dos seus sócios e das entidades da tutela.



**Descreva-nos como tem sido o percurso da federação.**

Com o desenvolvimento da legislação cinegética e piscícola e associações algumas das mais antigas do país, com fundação a 22 de agosto 1931, que tinham esse objeto social, foram confrontadas com um conjunto de legislação e obrigações que não precisavam anteriormente.

Com as diferentes alterações à lei da caça e das armas, foram-se criando associações e clubes e respetivas zonas de caça e concessões de pesca, pelos 24 concelhos do distrito, tendo-se conseguido um distrito totalmente ordenado, que é caso raro no país.

Para responder a essa necessidade, juntaram-se e associaram-se em federações, sendo o caso da Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu, que se constituiu oficialmente com data de escritura de 10 de julho de 1987.

Durante 14 anos, a federação foi tentando organizar-se e apoiando os clubes, sem sede própria, o que causou algum transtorno e desconforto aos associados.

A partir de 2001, as instalações da federação passaram a ser numa dependência do Clube dos Caçadores e Pescadores da Beira e começou-se a procurar uma sede própria, o que foi conseguido no ano de 2006. Com o lema de servir bem os Clubes, tecnicamente, e com preços considerados razoáveis.





### **Quais as mudanças mais positivas ocorridas nestes 26 anos?**

Foram conseguidos o ordenamento do território, as formações técnicas e o apoio aos associados.

### **Quantos clubes associados têm atualmente?**

A área da federação era inicialmente o distrito de Viseu, e os seus 24 concelhos, mas os seus serviços e apoio foram sendo solicitados por associações fora do mesmo, estando a apoiar associados em mais de cinco distritos do país e mais de 200 associados de pleno direito ou transitórios.

### **Quais as principais vantagens de ser associado da FCCPDV?**

A federação sempre teve o cuidado de apoiar os sócios em diferentes vertentes. Destacamos as vertentes administrativa e técnica, nomeadamente através da elaboração de projetos, vacinação de coelhos, formação técnico-prática com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), com a polícia e diferentes entidades e organismos oficiais.

### **Para os caçadores e pescadores que não conhecem o distrito de Viseu, de que forma o descreveria? Quais são as suas principais potencialidades para a prática destas duas modalidades?**

É um distrito tido como zona desfavorecida onde a diferença positiva é ser uma zona truteira e com boa implantação para o javali, o corço e os tordos, havendo as restantes espécies cinegéticas de forma escassa e residual.





### Nota biográfica

#### Mário Antunes

Mário Antunes é natural de Tondela, no distrito de Viseu.

Conta com três formações superiores no currículo — Educação Física, Ciências da Educação e Animação Sociocultural — e um percurso profissional dedicado ao ensino secundário.

Desde tenra idade que Mário Antunes se interessa pela caça e pela pesca, visto inserir-se num mundo rural, onde estas duas atividades são parte integrante das tradições culturais.

É presidente da direção da Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu desde fevereiro de 1999. Antes, fora presidente do Clube dos Caçadores e Pescadores da Beira, o mais antigo do distrito, e talvez do país.

Mário Antunes não dispensa um bom prato de caça. As confeções feitas à base de peixe do rio também estão entre as suas preferências gastronómicas, em especial as que incluem truta, sável ou boga.



# Os primeiros passos nas disciplinas competitivas

**Jorge Piçarra**

*Treinador de cães*

## Observar o carácter é fundamental para podermos evoluir...

Ensinar um cão de parar passa por otimizar as suas qualidades naturais, adaptando-o às diferentes disciplinas. Ele deve cumprir

as regras do regulamento com brilhantismo, mostrando-se “fiel” ao estalão da raça a que pertence, mas sem perder a sua identidade.

## Os primeiros passos...

Após uma correta socialização e com a aprendizagem de alguns comandos de ensino base podemos iniciar o trabalho de campo. Os primeiros estímulos são essenciais e podem condicionar o desenvolvimento futuro.

O trabalho de campo deve ser desenvolvido com aves cinegéticas com comportamento idóneo. As aves libertadas no terreno devem levantar espontaneamente, ao sentirem a aproximação do cachorro, sem que o nosso aluno as consiga capturar.

A primeira regra é não interferirmos de forma direta no trabalho do cachorro. É fundamental observar as suas características inatas e não condicionar as suas atitudes.

O odor associado ao movimento do levante vai proporcionar ao nosso aluno todo o seu sentido predatório, fundamental para iniciarmos o nosso processo de ensino.



## As primeiras saídas para o terreno

Devemos seleccionar um terreno com orografia plana e um coberto não muito denso, para libertar duas a três peças. A orografia plana é importante, pois é fundamental nesta fase observar, em toda a plenitude, o comportamento do cachorro (contacto com a peça de caça após detetar emanação/ reação após o levante).

Se não conseguirmos ver, não podemos formular opinião acerca das suas características. O cachorro deve ser solto da trela no terreno, sempre que possível a bom vento e de uma forma tranquila, para que assim se proporcione o encontro entre o nosso jovem aluno e as aves cinegéticas.

Nos primeiros levantes, não é conveniente a simulação do disparo. As saídas ao campo não devem ter uma duração superior a 40 minutos e era bom que o treino inicial, durante o primeiro mês, tivesse uma periodicidade não inferior a 3 vezes por semana.



## Busca

Em termos de busca não convém nesta fase insistir em muitos comandos de direção. Colocamo-nos sempre que possível a bom vento e deixamo-lo correr, a seu belo prazer, na tentativa de que ele se aperceba das diversas emanações.

Se se prender excessivamente em rastros, devemos chamá-lo e colocá-lo noutra direção, de forma a que desenvolva uma busca que pode ser desordenada, mas que deve ser fluída,

mostrando já iniciativa, sem medo de correr riscos e de fazer voar as peças por falta de prudência e metodologia.

O objetivo é desenvolver iniciativa onde a captura de odores se realiza, com um porte de cabeça no alinhamento da linha dorsal ou acima desta. Existem cachorros que à medida que ganham confiança, libertam-se facilmente da nossa presença e, de dia para dia, vemo-los crescer nas suas atitudes de paixão pela caça.

## O contacto com a caça

Nos primeiros contactos, podem surgir quatro situações:

- ⊕ Ao sentir a emanação da ave cinética, pára de forma natural e mostra firmeza nessa atitude;
- ⊕ Ao sentir a emanação da ave, lança-se sobre a peça sem mostrar qualquer instinto de paragem;
- ⊕ Ao sentir emanação da ave, pára de forma espontânea, mas não aguenta a paragem, lançando-se de imediato sobre a peça;
- ⊕ Não deteta a emanação ou não demonstra interesse sobre a mesma.

## Próximo destino: Vila do Bispo



Desta vez, descemos até ao sul de Portugal para conhecer Vila do Bispo, um concelho que tem nos caçadores importantes aliados na preservação da fauna e da flora locais.

Num passado longínquo, a caça teve uma grande importância económica e cultural no território do atual concelho de Vila do Bispo. (ver caixa)

Agora, a realidade é bem diferente. Nos dias que correm, esta atividade “é realizada, maioritariamente, por tradição familiar, por lazer e por desporto, encontrando-se revalorizada numa perspetiva de turismo venatório, contribuindo, ainda, para a gestão e manutenção de áreas rurais e florestais e para o controlo biológico de espécies, destacando-se o caso paradigmático do javali”, refere à revista ALVA a presidente da Câmara.

Além de javali, é possível caçar espécies como a perdiz, o pombo, o tordo, o coelho ou a lebre, nas sete zonas de caça do município.

Em termos económicos, a importância desta atividade “não será muito expressiva, uma vez que as zonas de caças não têm por objetivo a comercialização dos espécimes abatidos. Ainda assim, diversos encontros e eventos de caça têm atraído, com regularidade, algum turismo venatório, contribuindo para a divulgação do território”, explica Rute Silva.

A autarca realça, ainda, que as três associações de caça locais “têm assumido um importante papel na preservação e na recuperação de áreas silvestres; na criação de aceiros e faixas de contenção de fogo; no cultivo de sementeiras para alimentação de espécies animais e na abertura de pontos de água que constituem importantes fontes de água para bebedouro de animais selvagens”.

Este contributo assume uma relevância ainda maior para um concelho que, além de estar inserido em pleno Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, tem 95% da sua área protegida em termos de conservação da natureza.

O trabalho dos caçadores é reconhecido e apoiado, anualmente, através da celebração de protocolos com as associações de caça dos três concelhos que constituem a associação Terras do Infante: Aljezur, Lagos e Vila do Bispo (ver página 26).

Paralelamente, a autarquia de Vila do Bispo apoia diretamente as entidades gestoras das zonas de caça, concedendo apoio logístico e financeiro.

### Uma história venatória com milhares de anos

A caça é uma das atividades mais antigas documentadas no território do atual concelho de Vila do Bispo, manifestando uma elevada importância na subsistência e na evolução humana, na medida em que foi essencial na obtenção de alimento, na produção de vestuário e de utensílios diversos.

A investigação arqueológica assinalou vestígios de atividade venatória correspondentes a todos os períodos da evolução humana, desde há cerca de 25 mil anos, nomeadamente na jazida paleolítica de Vale de Boi, na freguesia de Budens.

Desde então, entre artefactos, documentação historiográfica e memórias orais, são diversos os testemunhos de uma atividade de grande importância económica e cultural, dedicada à exploração de recursos venatórios diversificados e em quantidades significativas.

Foram registados restos ósseos de coelho, lebre, raposa, cabra, javali, perdiz e águia-real. Juntamente com estas espécies relativamente vulgares, foram isoladas outras espécies selvagens atualmente inexistentes na região, tais como burro, cavalo, veado, lobo, lince, urso, auroque (uma espécie de bovino já extinto) e — surpreendentemente — leão e rinoceronte.

Também foram descobertos vestígios das atividades pesqueira e marisqueira ou não se situasse este concelho no litoral. A saber: restos de conchas de bivalves, de caracóis marinhos e de água doce, de búzios, de percebes, cascas de caranguejos e vértebras de cação.

### O QUE VISITAR



Um dos monumentos que imediatamente associamos ao município de Vila do Bispo é a **Fortaleza de Sagres**, mandada construir pelo Infante D. Henrique.

Da muralha original pouco resta, uma vez que foi reconstruída no século XVI e na segunda metade do século XVIII.

A entrada desta fortaleza representa um excelente exemplo da arquitetura neoclássica. No interior, estão à vista alguns canhões e um torreão quinhentista.

Outras das atrações são a Igreja da Nossa Senhora da Graça e um

relógio de sol que se acredita ser contemporâneo do infante.

Uma visita a este monumento permite recuar até ao período das descobertas marítimas e, ainda, apreciar uma das paisagens mais deslumbrantes do mundo, que fica ainda mais bonita ao pôr do sol.





Belíssimas são igualmente as 20 praias do concelho de Vila do Bispo. Destaque, por exemplo, para a **Praia do Castelejo**.

Situada a menos de cinco quilómetros da sede do concelho, esta praia está disposta entre imponentes falésias de rocha negra, tendo como principal característica um rochedoilhado que marca a paisagem nascente da praia, originando o nome da mesma, que significa pequeno castelo.

Durante a maré-baixa, é possível chegar a pé até às praias vizinhas. Além dos habituais surfistas, esta praia é um dos locais frequentados por pescadores e mariscadores para

a apanha do percebe (ou perceve), o mais apreciado marisco da região.

Do lado nascente, sobre esta praia, situa-se o Miradouro do Castelejo, onde os marisqueiros observam as condições do mar, tratando-se, por isso, de um local de culto.

Por falar em culto, não poderíamos deixar de referir as construções religiosas do concelho de Vila do Bispo. Simples ou mais decoradas, artisticamente mais pobres ou mais ricas, as igrejas, ermidas e capelas merecem um olhar atento, pelo que representam também a nível histórico, artístico e arquitetónico.



É o caso da ermida da **Nossa Senhora de Guadalupe**, um excelente exemplar da arte medieval. Esta é uma das mais antigas igrejas do Algarve. Foi fundada no século XIV como ermida de peregrinação e remodelada no século XV, possivelmente com o patrocínio do próprio infante D. Henrique que aqui fazia as suas orações.

### DESTINOS ANTERIORES

Nas duas primeiras edições da revista ALVA, a secção Roteiros viajou até Mértola e Almeida, dois municípios do interior de Portugal com uma forte tradição venatória. Fica o convite para descobrir ou redescobrir estes dois territórios.

- ⊕ Para descobrir Mértola, [clique aqui.](#)
- ⊕ Para descobrir Almeida, [clique aqui.](#)

## Municípios e associações de caçadores das Terras do Infante unem esforços na limpeza da floresta



A Associação Terras do Infante, composta pelos concelhos de Lagos, Aljezur e Vila do Bispo assinou, no mês de maio, contratos-programa com sete associações e clubes de caça.

O acordo tem em vista a limpeza de cerca 190 hectares de floresta e mato, bem como a limpeza e arranjos de mais de 65 quilómetros de caminhos florestais/rurais e aceiros.

A área de intervenção foi acordada entre os Serviços Municipais de Proteção Civil dos três concelhos, Bombeiros Voluntários, e associações e clubes de caçadores, de acordo com a cartografia de perigo de incêndio, conhecimento do terreno e histórico de ocorrências.

As associações e clubes de caçadores

“são gestores de proximidade de grandes áreas de territórios rurais no âmbito das suas atividades de gestão cinegética, tendo um conhecimento específico, quer do território quer no contacto com os proprietários, factos que tornam todo o trabalho mais célere e eficaz”, salienta a Terras do Infante, em nota de imprensa.

A entidade acrescenta, ainda, que “estes contratos-programa permitem a conciliação destas intervenções com os diversos trabalhos de campos de alimentação das espécies cinegéticas, acabando por complementar as várias intervenções realizadas pelas empreitadas da Terras do Infante, pelos seus Sapadores Florestais e pelos respetivos Serviços Municipais, em termos de Rede Primária e de Rede Secundária de prevenção estrutural a fogos rurais”.

*Serão, assim, criadas descon-  
tinuidades dos combustíveis  
vegetais existentes em locais  
estratégicos, validados pelas  
estruturas de Proteção Civil  
locais e pelo Gabinete Técnico  
Florestal, com base na Car-  
tografia de Perigosidade de  
incêndio rural e avaliação da  
carga e continuidade dos com-  
bustíveis; e instaladas faixas  
laterais de segurança de cami-  
nhos rurais e beneficiação de  
plataformas de circulação de  
vias e aceiros.*

Estes contratos-programa representam um investimento total de 80 mil e 500 euros.





# XXV FEIRA DE CAÇA, PESCA, TURISMO E NATUREZA

De 7 a 9 de julho de 2023  
Marina de Albufeira

**D.A.M.A.**  
7 de julho - 23h

**Miguel Gameiro e Polo Norte**  
8 de julho - 23h

**Némanus**  
9 de julho - 22h



**ENTRADA  
LIVRE**



**Albufeira**  
MUNICÍPIO

O melhor da tradição passa por aqui.

## Feira de Caça, Pesca, Turismo e Natureza completa 25 edições num novo recinto

A Federação de Caçadores do Algarve — FCA volta a promover, em parceria com o Município de Albufeira, a Feira de Caça, Pesca, Turismo e Natureza, entre os dias 7 e 9 de julho.

Esta iniciativa já passou por Loulé, Faro e Tavira, sendo esta a terceira vez

que se realiza em Albufeira.

Uma das novidades deste ano é que o certame tem lugar num novo recinto, bem perto da Marina de Albufeira.

O novo espaço é bastante mais amplo, com melhores condições

de acesso e permanência do que nos anos anteriores, para “facilitar a mobilidade das pessoas”, explicou o presidente da autarquia, José Carlos Rolo, na apresentação pública do evento, que aconteceu a 15 de junho.

## Impacto das alterações climáticas na gestão cinegética vai ser debatido

Quanto ao programa da feira, Vítor Palmilha realçou a pertinência do colóquio ‘A Gestão Cinegética e as Alterações Climáticas’, agendado para o último dia do evento.

“Devido à seca, na minha zona de caça, não vamos poder caçar à perdiz, porque, com o calor, não criaram”, referiu o presidente da FCA.

Para o Diretor Regional de Agricultura e Pescas do Algarve, também presente na apresentação, “este é o grande desafio que a região tem para o futuro”.

Pedro Valadas Monteiro considerou,

ainda, que é fundamental a realização destas iniciativas para “trazer estes problemas para a esfera mediática e para partilhar soluções”.

*O responsável enalteceu, ainda, a “maturidade e resiliência” da Feira de Caça, Pesca, Turismo e Natureza, que, na sua opinião, “tem conseguido inovar ano após ano”, trazendo o mundo rural para o litoral.*

Ao longo dos três dias desta 25.ª edição, os visitantes podem participar

em diferentes atividades e visitar várias áreas expositivas, que vão desde a gastronomia, artesanato, turismo, atividades equestres, exposição de animais e cinotécnica. (ver programa completo ao lado)

Este ano fica também marcado pelo regresso do Concurso Nacional de Ovinos da Raça Churra Algarvia, uma das raças autóctones da região.

A música também vai estar presente com vários espetáculos. Destaque, por exemplo, para o concerto dos D.A.M.A.; de Miguel Gameiro e Polo Norte; ou de Némanus.

## PROGRAMA

### 7 julho

**18h30**

Sessão de abertura presidida pelo senhor presidente da Câmara Municipal de Albufeira

**19h00**

Abertura do salão de exposições (caça, pesca, turismo, natureza, produtos da terra, máquinas agrícolas, gastronomia, exposição de animais e aves exóticas)

**19h30**

Preparação e prova de cataplana

**21h00**

Espetáculo equestre 'Algarve Equestre'

### 8 julho

**07h00**

Final do Campeonato Regional de Sto. Huberto e da 4.ª Taça 'José Maria Seromenho', na Zona de Caça Municipal de Albufeira

**09h30**

3.ª Taça de Dressage — Cidade de Albufeira

**10h00**

Prova de Competência de Tiro aos Pratos 'Cidade de Albufeira', no Campo de Tiro de Paderne

**10h30**

Assembleia-Geral da Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses, no Auditório Municipal de Albufeira

**11h00**

Abertura do recinto exterior da Feira  
Concurso de Mel do Algarve  
XXVIII Concurso Nacional de Ovinos do Raça Churra Algarvia

**11h30**

Exposição de Cães e Matilhas

**15h00**

Abertura do Salão de Exposições  
Concurso de Matilhas - 11.º Troféu Duarte Rosa

**16h00**

25.º Concurso de Cães

### 9 julho

**05h00**

Convívio de Pesca de Alto Mar - Concentração na Marina de Albufeira

**09h30**

Colóquio 'A Gestão Cínegetica e as Alterações Climáticas', no Auditório Municipal

**11h00**

Abertura da feira e do salão de exposições  
Exposição de Cães e Matilhas

**16h00**

Visita à feira pelas entidades oficiais

**16h30**

Demonstração de Equitação de Trabalho

**18h00**

Demonstração Cinotécnico - Guarda Nacional Republicana  
Comando Territorial de Faro  
Batismos Equestres

## 7 julho

**22h00**

Atuação de pequenos e grandes artistas locais

**23h00**

Concerto dos D.A.M.A.

**24h00**

Encerramento do salão de exposições

**02h00**

Encerramento do recinto da feira

## 8 julho

**17h00**

Apresentação do Museu Submerso Art Reef Vhils EDP  
Batismo Equestre

**17h30**

Demonstração de Prática de Pesca Desportiva - Aquário

**18h00**

Demonstração da Força Destacada da Unidade Especial da Polícia Grupo Operacional Cinotécnico

**19h00**

Demonstração de Cães de Parar

**21h00**

Gala Equestre 'Lusitana Paixão', por Lusitanus Mirando Arte Equestre

**22h00**

Artistas locais participantes em televisão

**23h00**

Concerto de Miguel Gameiro e Polo Norte

**24h00**

Encerramento do salão de exposições

**02h00**

Encerramento do recinto da feira

## 9 julho

**19h00**

Demonstração de cães de parar

**21h00**

Encerramento do salão de exposição  
Sessão de Encerramento presidida pelo senhor presidente da Câmara Municipal de Albufeira  
Artistas locais Banda Dalila / Duo 64

**22h00**

Concerto Némanus

**01h00**

Encerramento do recinto da feira

# Licença para caçar: um documento indispensável há muitos anos



Para poderem caçar, os caçadores têm de ter licença de caça válida para a respetiva época.

Nesta edição da revista ALVA, mostramos como eram as licenças de caça no início do século XX. O exemplo que vê nas imagens é de 1913.

Esta licença teve um custo de um escudo, foi emitida pela Câmara Municipal de Beja e concedida a Manuel Martins.

Uma verdadeira relíquia!

Se também tem na sua posse objetos antigos relacionados com a caça, envie-nos fotos e conte-nos as histórias que estão por detrás deles. Pode fazê-lo para o e-mail [malharevista@malha.pt](mailto:malharevista@malha.pt).



## Cataplana de javali

Esta é uma das receitas publicadas no livro 'Cataplana Algarvia: tradições e recriações', editado pela Região de Turismo do Algarve e pela associação Tertúlia Algarvia. Esperemos que goste desta sugestão culinária!

### Ingredientes (para 4 pessoas)

400 g de carne de javali	100 g de abóbora-menina
1 pimento verde	100 g de nabo
2 tomates grandes	2 dl de vinho tinto
2 cebolas grandes	1 dl de medronho
1 cenoura grande	1 dl de azeite
4 dentes de alho	Carqueja
2 folhas de louro	Tomilho
2 batatas vermelhas	Sal grosso 100% marinho



### Preparação

Na véspera, corte a carne em cubos pequenos e tempere com metade dos alhos esmagados, as bebidas e metade das ervas.

No dia, usando a cataplana, coza a carne na marinada, acrescentando a água necessária. Tempere com sal.

Esmague o alho, corte a cebola, o pimento com sementes, as batatas, o tomate, a abóbora e o nabo em cubos.

Na cataplana, faça um refogado com o azeite, o chouriço, a cebola e o alho.

Junte o javali cozinhado intercalado com os restantes legumes e as ervas. Retifique os temperos.

Deixe cozinhar em lume brando, durante cerca de cinco minutos, até amaciar.

